



ESCLEROSE MÚLTIPLA E SUAS PERSPECTIVAS NEUROLÓGICAS COM ABORDAGENS TERAPÊUTICAS EM NEUROANATOMIA

SOUZA, Amanda Hilário Borges de

Aluna do Curso de Medicina na Faculdade Metropolitana São Carlos,
Bom Jesus do Itabapoana-RJ
E-mail: amanda.borges.souza7@gmail.com

DETOGNE, Carlos Aldo André

Aluno do Curso de Medicina na Faculdade Metropolitana São Carlos,
Bom Jesus do Itabapoana-RJ
E-mail: adetogne@gmail.com

SOUZA, Clara Hilário Borges de

Aluna do Curso de Medicina na Faculdade Metropolitana São Carlos,
Bom Jesus do Itabapoana-RJ
E-mail: clara.borges.souza@gmail.com

MANGIAVACCHI, Wagner

Docente do Curso de Medicina na Faculdade Metropolitana São Carlos,
Bom Jesus do Itabapoana-RJ
E-mail: wagnermangia@gmail.com

A Esclerose Múltipla é uma doença degenerativa e autoimune que desencadeia desmielinização e neurodegeneração no sistema nervoso central, compromete a substância branca da medula espinhal e do cérebro podendo se estender até as áreas corticais e com isso, causa deficiência motora. A etiologia permanece elusiva, embora fatores genéticos e ambientais desempenhem papéis significativos. A compreensão da neuroanatomia afetada pela EM é crucial para otimizar o diagnóstico e o tratamento. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão sistemática da literatura, abrangendo artigos científicos revisados e diretrizes clínicas sobre Esclerose Múltipla, focando em aspectos neuroanatômicos, fisiopatológicos e terapêuticos. Este resumo tem como objetivo explorar os aspectos neurológicos da Esclerose Múltipla (EM), sua evolução clínica e as abordagens terapêuticas baseadas em fundamentos neuroanatômicos, visando uma compreensão aprofundada para otimizar o manejo clínico. A patogênese da Esclerose Múltipla (EM) envolve uma complexa interação entre fatores genéticos e ambientais, resultando em um ataque imunológico contra a mielina. As lesões características dessa patologia, são as conhecidas placas, ocorrem predominantemente na substância branca, mas também podem afetar a substância cinzenta, impactando áreas cruciais como o corpo caloso que é uma estrutura que conecta os

hemisférios cerebrais e os núcleos basais. Os sintomas da doença variam amplamente e podem incluir disfunção motora, comprometimento cognitivo, fadiga e distúrbios sensoriais. O diagnóstico é baseado em critérios clínicos e neuroimagem, como a ressonância magnética, que revela a presença de lesões hiperintensas. A evolução da doença pode ser classificada em diferentes formas: surto remitente, progressiva primária e progressiva secundária, cada uma apresentando padrões distintos de progressão e resposta ao tratamento. O tratamento da Esclerose Múltipla envolve abordagens modificadoras da doença (AMD), que têm como objetivo reduzir a frequência e a gravidade dos surtos, além de retardar a progressão da incapacidade. Medicações como interferons, acetato de glatirâmer e fármacos mais recentes, como os moduladores da esfera imunológica, têm mostrado eficácia na gestão da EM. A escolha da terapia deve considerar o perfil do paciente, incluindo fatores como idade, comorbidades e preferências pessoais. Recentes estudos têm investigado o papel da neuroproteção e da neuroreabilitação, enfatizando a importância de um manejo multidisciplinar que inclua fisioterapia, terapia ocupacional e suporte psicológico. Essas abordagens visam não apenas controlar os sintomas, mas também melhorar a qualidade de vida dos pacientes. A Esclerose Múltipla é uma condição complexa que requer uma compreensão detalhada de sua neuroanatomia e evolução clínica. A integração de estratégias terapêuticas baseadas em evidências e uma abordagem multidisciplinar são essenciais para otimizar o tratamento e a qualidade de vida dos pacientes. O contínuo avanço na pesquisa neurobiológica e o desenvolvimento de novas terapias oferecem esperança para um manejo mais eficaz da doença no futuro.

Palavras-chave: Esclerose Múltipla; Neuroanatomia; Tratamento Terapêutico.